

Ofício do professor de história e os manuais didáticos: estudo de caso sobre a questão da racionalidade em Rousseau no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*.

GUILHERME PINHEIRO POZZER¹

1. Prática em sala de aula e os manuais didáticos

Há algum tempo, durante uma aula sobre Iluminismo para alunos do ensino médio, o questionamento de um aluno, que frequentemente era feito por outros estudantes ao longo dos anos, serviu de motivação para a produção da reflexão aqui apresentada.

A aula, como tantas outras sobre o tema, havia se iniciado com uma retomada do contexto em que apareceram as idéias iluministas, para compreender o que permitiu àqueles homens pensar da forma como pensaram. Houve, portanto, uma retomada dos temas concernentes ao Antigo Regime ao mesmo tempo em que se evidenciou a pluralidade de movimentos culturais/intelectuais no período que se estendeu por volta do século XV ao XVIII.

Discutiu-se na aula também os chamados “precursores do Iluminismo”, Newton, Bacon, Locke, Descartes, para evidenciar o quanto suas idéias teriam contribuído para a formação de um pensamento contrário aos princípios do Antigo Regime, que teria como princípios a razão e a existência de direitos naturais, tais como a igualdade e a liberdade, além de uma crítica muito severa ao clero. Soma-se a isso o aparecimento do pensamento liberal tanto na política, obviamente, quanto na economia, com a Fisiocracia inicialmente e o liberalismo econômico de Adam Smith.

A seguir, foram trabalhadas as ideias dos principais pensadores do Iluminismo efetivamente: Voltaire, Montesquieu, a Enciclopédia de Diderot e D’alambert, além, é claro, de Rousseau.

Por experiência do autor, geralmente, surgem algumas perguntas dos alunos, tais como: “Professor, por que Rousseau é contra a propriedade e Locke que também é iluminista é a favor?”; “Professor, por que Voltaire defende o luxo e Rousseau defende uma vida humilde se os dois são iluministas?”; “Professor, até entendo que Rousseau tenha tido essas idéias, afinal, ele era pobre, mas como pode um Barão como Montesquieu ser *também* iluminista?”; “Se Rousseau

¹ Universidade Estadual de Campinas - Mestre em História

era contra a propriedade dá pra dizer que ele é comunista?”²; “Ele teve contato com os índios pra falar do bom selvagem?”; e assim por diante.

E é especialmente interessante o modo que Rousseau aparece como figura central aos olhos dos próprios alunos. É perceptível que sua história de vida e seu pensamento toquem os estudantes, seja porque estes contrariam ou por compartilham a ideia de que a propriedade levou à desigualdade; seja por quererem compreender, ou talvez encontrar em si, uma bondade inata (“mas não sou bom?” alguns devem questionar-se), mas que foi corrompida com o convívio social; seja por pensarem (precipitadamente, com certeza) que as idéias de Rousseau para uma transformação social só surgiram porque ele próprio não auferia nenhuma forma de riqueza proveniente dos grandes salões e palácios.

Não se quer dizer aqui que seja difícil a tarefa do professor para responder tais questões, que bem podem ser superadas ao longo das explanações e discussões em aula (embora a questão de tempo de aula ainda seja um problema para as aulas de história nos currículos brasileiros), leituras conjuntas, pesquisas e inúmeros outros recursos didáticos disponíveis aos docentes. Entretanto, de fato, a estrutura didática sugerida (ou pelas apostilas e livros, ou pelo MEC) acaba por criar certa confusão, isso é visível e, principalmente, vivenciado a todo instante em sala de aula.

Para a realização dessa reflexão foram analisados ao todo dezessete manuais didáticos. Em todos eles encontram-se explicações das obras *Do contrato social* e *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, seja nominalmente ou por meio das ideias expostas no texto didático³.

De modo geral, a este último atribui-se, nos manuais didáticos, o título de “defensor dos humildes/camadas populares”⁴ ou da “pequena burguesia”⁵, “defensor da democracia e da

² Questionamento esse legitimado por um manual didático (manual 17).

³ Quando há ocorrência de citações de trechos de Rousseau, são utilizados estes textos e nunca ambos conjuntamente: o *Contrato social* aparece citado em três ocasiões (manuais 11, 12 e 15) e o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* aparece quatro vezes (manuais 03, 07, 08 e 16)

⁴ Manuais 09, 13, 16 e 17.

⁵ Manuais 03, 14 e 17.

vontade geral do povo”⁶, “criador da teoria do bom selvagem”⁷ e “grande questionador da propriedade privada”,⁸ na medida em que a propriedade seria a grande responsável pelas desigualdades existentes no mundo, e, para nunca esquecer, que foi ele o escritor do *Contrato Social*.

Além disso, alguns manuais buscam marcar na argumentação que Rousseau era uma exceção dentre os pensadores iluministas: por ter origens modestas⁹, por divergir dos liberais,¹⁰ por criticar a sociedade burguesa,¹¹ por questionar a crença no progresso¹².

Algo que surpreende nos discursos dos manuais escolares em geral, no que se refere a Rousseau, é a maneira como seu pensamento é inserido no contexto do Iluminismo (bem como outros autores) sem que se evidenciem as particularidades da idéia de Razão presente nesse pensador. Três manuais citam-no como não sendo defensor do racionalismo¹³ e apenas outros três mencionam, sem grandes explicações que as emoções ou os sentimentos eram valorizados por Rousseau¹⁴, tema de análise nesse trabalho¹⁵.

Isto pode ocorrer, talvez, por um lado, porque, para o ensino médio, isso seja uma questão menor. Talvez, por outro lado, porque, como se pretende evidenciar ao longo desse texto, suas reflexões acerca da razão iluminista desmontaria o estereótipo iluminista construído ao longo dos anos sobre a ideia de razão.

2. “Ser X Parecer”

Rousseau fala do homem, em uma *linguagem oportuna a todas as nações*, e o problema examinado, a origem das desigualdades, indica que ele falará a pessoas que não receiam honrar a

⁶ Todos os manuais analisados.

⁷ Manuais 02, 06, 07, 08 e 11.

⁸ Todos os manuais trabalham esse conceito à medida que citam o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*.

⁹ Manuais 07 e 08.

¹⁰ Manuais 07 e 09.

¹¹ Manuais 10 e 11.

¹² Manual 06.

¹³ Manuais 02, 09 e 13.

¹⁴ Manuais 11, 12 e 16.

¹⁵ Opta-se aqui por dialogar com dois autores que trabalham com a obra de Rousseau: Marilena Chauí e L. R. Salinas Fortes.

verdade, de modo que ele defenderá com confiança a causa da humanidade perante os considerados sábios de sua época.

Rousseau concebe dois tipos de desigualdades: uma *natural ou física, porque foi estabelecida pela Natureza*,¹⁶ e outra, *moral ou política, pois que depende de uma espécie de convenção e foi estabelecida, ao menos autorizada, pelo consentimento dos homens*.¹⁷ Esta última consistiria em *diferentes privilégios desfrutados por alguns em prejuízo dos demais*. (ROUSSEAU, 1983: 143)¹⁸

Assim, Rousseau busca assinalar no progresso das coisas o momento em que, o direito sucedendo a violência, foi a Natureza submetida à lei: de explicar por qual encadeamento de prodígios pôde o forte resolver-se a servir o fraco, e o povo adquirir uma tranqüilidade de espírito ao preço de uma felicidade real. (ROUSSEAU, 1983: 144)

Para Rousseau é fundamental compreender o momento em que o homem trocou o “Ser” pelo “Parecer”, como evidencia Salinas Fortes. Segundo este autor, Rousseau quer mostrar que “assim como o Direito e a Lei proclamam a igualdade mascarando a real desigualdade, o ‘repouso’ de que goza na vida ‘civil’ atual, a tranqüilidade reinante em nossas sociedades não passam de disfarces, miragens, revestimentos mentirosos que escondem o inferno da existência social onde predomina o mais completo antagonismo entre os indivíduos e a guerra de todos contra todos”. (SALINAS FORTES, 1997: 39)

Nessa nova teia de relações, os homens, como em todos os outros momentos, também se transformavam. Assim, é possível perceber, por exemplo, uma separação entre o *ser e o parecer*, em virtude da necessidade sentida pelos homens em adquirir a consideração por parte de seus semelhantes. E quem não possuía tal consideração por suas próprias qualidades deveria inventá-las ou manipulá-las de modo a parecer que as tinha, era o nascimento da representação. Segundo Rousseau: “*ser*” e “*parecer*” tornaram-se duas coisas inteiramente distintas; e desta distinção

¹⁶ E que consiste nas diferenças das idades, da saúde, das forças corporais e das qualidades do espírito ou da alma.

¹⁷ Como o de serem mais ricos, mais respeitados, mais poderosos que estes, ou mesmo mais obedecidos.

¹⁸ Saliente-se que para o autor não existe qualquer ligação essencial entre as duas formas de desigualdades. Isto para ele seria traçar e admitir a existência da idéia de que a força corporal ou a força do espírito, a sabedoria e a verdade, são sempre encontradas nos mesmo indivíduos com muito poder e riqueza. (P. 143)

saíram o fausto majestoso, a astúcia enganadora, e todos os vícios que lhes servem de cortejo. (ROUSSEAU, 1983: 186)

O surgimento de uma *ambição devoradora*, que busca fazer aumentar as fortunas relativas, pela simples vontade do homem sentir-se acima dos demais *inspira todos os homens uma negra propensão no sentido de se prejudicarem reciprocamente, (...) numa palavra, concorrência e rivalidade de um lado, e de outro oposição de interesses e sempre o desejo oculto de tirar proveito às expensas de outrem.* (ROUSSEAU, 1983: 187)

A sociedade e suas leis, que *criavam novas peias para o fraco e novas forças para o rico*, destruíram a liberdade natural, fixaram a desigualdade e levou à sujeição de *todo gênero humano ao trabalho, à servidão e à miséria* em favor de alguns poucos, sem que houvesse, para Rousseau, possibilidade de retorno às origens. (ROUSSEAU, 1983: 190) Dessa forma, o autor coloca que a emergência da sociedade, a propriedade, as leis e os governos políticos, de certa forma, sacralizaram a desigualdade entre os homens. E a destruição da liberdade natural, herdada daquele estado segundo Rousseau, seja por sua compra ou por sua venda, representa a destruição da própria vida.

Segundo Salinas Fortes, a contradição entre “ser” e “parecer” ganha uma especificação em conformidade com a tese central do Discurso: no domínio da Natureza predomina a igualdade, no plano da sociedade reina a desigualdade. Mais ainda: a desigualdade de fato que caracteriza este estado atual se apresenta necessariamente dissimulada sob a máscara de uma igualdade de direito. E daí, acrescenta o texto, que decorrem todas as “contradições” observáveis entre o ser e o parecer. É dessa *desigualdade*, por conseguinte, que não é apenas a desigualdade *entre* os homens, mas oposição entre aparência e realidade, que os vícios também se alimentam, é em virtude dela que a polidez e a “arte de agradar” do primeiro *Discurso* transformam-se numa espécie de segunda natureza, que não se ousa mais ‘parecer aquilo que é’, que já não é mais possível conhecer o íntimo dos outros, que cada face é necessariamente mentirosa e que a vida em sociedade é o reino da hipocrisia”. (SALINAS FORTES, 1997: 39)

Conforme Salinas Fortes, “a passagem para a sociedade se caracteriza então, fundamentalmente pela produção simultânea de dois processos paralelos: ao mesmo tempo em

que se gera a desigualdade e a conseqüente ‘perversão’ do coração humano com seu ‘cortejo de vícios’, cria-se igualmente a possibilidade de seu disfarce”. (SALINAS FORTES, 1997: 40)

Na visão de Rousseau sobre história dos homens, a sociedade é vista de forma negativa e isso fica mais evidente na dicotomia de um mundo da “aparência” e um de “essência”. Conforme Marilena Chauí, “a civilização é vista por Rousseau como responsável pela degeneração das exigências morais mais profundas da natureza humana e sua substituição pela cultura intelectual. A uniformidade artificial de comportamentos, imposta pela sociedade às pessoas, leva-as a ignorar os deveres humanos e as necessidades naturais. Assim como a polidez e as demais regras da etiqueta podem esconder o mais vil e impiedoso egoísmo, as ciências e as artes, com todo seu brilho exterior, frequentemente seriam máscaras da vaidade e do orgulho”. (CHAUÍ, 1983: XIII)

3. Conhecer-se para encontrar o homem natural

A desigualdade tira suas forças do desenvolvimento das faculdades e dos progressos do espírito humano e se tornou estável e legítima pelo estabelecimento da propriedade e das leis, da história construída pelo homem e como fruto dos *progressos* do espírito humano.

“Conhecer a si mesmo” apregoa Rousseau no Prefácio do Discurso quando evoca a *inscrição no templo de Delfos* seria exatamente conhecer, desvelar a verdade do homem no próprio homem, retomar sua essência, que estaria “vendida” à coletividade, à sociedade. Muito embora Rousseau hesite em afirmar se a alma do homem foi desfigurada ou se foi apenas encoberta, mas continua intacta, ele percorre um caminho para compreender o que a racionalidade havia alterado nela.

O método¹⁹ de Rousseau para compreender a essência do homem é buscar o que há de natural no homem que vive em sociedade. Este homem natural serviria a Rousseau como um modelo de análise. Isso porque, como evidencia Salinas Fortes, a própria Natureza serviria como uma “referência suprema”, pois “construída a partir da idéia do Perfeito, ela é o princípio, o modelo, o paradigma de que nos servimos” (FORTES, 1997: 97):

¹⁹ No sentido grego do termo, que evoca a idéia de caminho para se chegar a um fim.

Que meus leitores não pensem que ousou iludir-me julgando ter visto o que me parece tão difícil de ter visto. (...) Outros poderão, desembaraçadamente, ir mais longe na mesma direção, sem que para ninguém seja fácil chegar ao término pois não constitui empreendimento trivial separar o que há de original e o que há de artificial na natureza atual do homem, e conhecer com exatidão um estado que não mais existe, que talvez nunca tenha existido, que provavelmente jamais existirá, e sobre o qual se tem, contudo, a necessidade de alcançar noções exatas para bem julgar de nosso estado presente. (ROUSSEAU, 1983: 228)

Para Rousseau, entretanto, a busca por aquilo que constitui o homem não deve ter seu foco em algo ou em alguém, mas em si mesmo. Ele tenta encontrar em si o homem natural. Com isso Rousseau parece estruturar a questão do conhecimento do “outro” na questão do conhecimento do “eu”.

4. A dinâmica das paixões no homem

Rousseau mostra que “a paixão dominante no homem natural é um sentimento absoluto, o amor-de-si-mesmo, ao passo que a grande paixão do homem social é um sentimento relativo, o amor-próprio, que supõe a razão, a língua, o outro”. (MATOS, 1997. *In* FORTES, 1997: 10)

Assim, o “mal por excelência” seria “a duplicidade do homem existente, sua cisão entre ‘ser’ e ‘parecer’”, cuja causa é a vida em sociedade. (MATOS, 1997. *In* FORTES, 1997: 10) Para Salinas Fortes, Rousseau busca “restaurar a capacidade de julgar contra uma corrupção do juízo que tem sua raiz, sobretudo, nessa conversão do amor-de-si em amor-próprio”, processo que faz emergir a figura de Narciso, causado pelo desaparecimento do “outro” na sua própria subjetividade. Assim, o amor-próprio seria a “exasperação do ‘narcisismo’”, que conduziria à “ideologia ‘filosófica’ ou à Filosofia como ideologia específica de uma casta particular”. (SALINAS FORTES, 1997: 93)

Explica-se, portanto, como as sociedades, mesmo sendo criadas pelo homem, podem ser fatores de degeneração do próprio homem, pois na dinâmica das paixões houve uma sobreposição do amor-de-si pelo amor-próprio.

O principal recurso de combate a essa situação é o paradoxo, e assume a forma de combate aos preconceitos dominantes entre os letrados, algo extensivamente utilizado por Rousseau, uma vez que o portador do preconceito deveria “ser submetido a um tratamento de choque”. (SALINAS FORTES, 1997: 93)

Mas, então como encontrar o homem natural dentro de si se o amor-próprio já o havia corrompido?

A solução encontrada por Rousseau não está na Razão, pelo menos não no pensamento racional puro e simples como se esperaria do “típico homem das luzes”. Mesmo porque o próprio desenvolvimento e aperfeiçoamento da razão no homem deviam-se, segundo Rousseau, às próprias paixões, em uma relação de causa e efeito recíprocos, como coloca Salinas Fortes (SALINAS FORTES, 1997: 55):

Digam o que quiserem os moralistas, o entendimento humano muito deve às paixões, as quais, de comum aprovação, também muito lhe devem. É graças à sua atividade que a nossa razão se aperfeiçoa. Procuramos conhecer por desejarmos desfrutar. E não é possível conceber por que se dará ao trabalho de raciocinar quem não tiver nem desejos nem receios. As paixões, por seu turno, têm por origem nossas necessidades e encontram seu progresso em nossos conhecimentos, porque não é possível desejar ou recear as coisas senão pelas idéias que delas se possa ter, ou pelo simples impulso da Natureza. E o homem selvagem, privado de todas as luzes, não experimenta senão as paixões desta última espécie. (ROUSSEAU, 1983: 155)

Do ponto de vista *metafísico* as naturezas dos homens e dos animais são diferentes não porque o homem é racional, pois os animais também o são. Mas nos animais é sua natureza que determina as *operações*, ao passo que o homem concorre nas suas a *qualidade de agente livre*.

É, portanto, a liberdade que difere o homem no que se refere à natureza dos animais. E, para Rousseau, é essa mesma capacidade de escolha que leva os homens a se entregarem aos *excessos que lhes causam febre e morte, pois que o espírito deprava os sentidos e a vontade ainda fala quando a Natureza silencia*. (Rousseau, 1983: 153)²⁰

Rousseau (1983: 230), ao *meditar sobre as primeiras e mais simples operações da alma humana*, percebe dois *princípios anteriores à razão: o primeiro interessa ardentemente ao nosso*

²⁰ Seria então essa escolha determinada pela liberdade, mas orientada pelo amor-próprio?

bem-estar e à conservação de nós mesmos, a prover sua própria subsistência, e o segundo, inspira uma repugnância natural de ver morrer ou sofrer todo ser sensível, e principalmente os nossos semelhantes, “uma paixão natural, a *pitié*, que o faz sensibilizar-se com seus semelhantes”. (SALINAS FORTES, 1997: 55)

O amor-de-si, portanto, não é “excludente em relação a outrem, como afirma Salinas Fortes, pois “a preocupação com a própria conservação é a menos prejudicial à de outrem”, sendo mesmo “perfeitamente compatível com a simpatia recíproca de seres sensíveis”. (SALINAS FORTES, 1997: 56)

Para Rousseau a própria razão, portanto, fundamenta-se na *pitié*, e deverá ser o sentimento, a emoção a servir de guia para a Razão e para o próprio desvelar da verdade no homem, “como caminho para penetração da essência da interioridade”. (CHAUÍ, 1983: XIV) Rousseau vê o homem, não apenas como um ser racional, mas como um ser dotado de sentimento e este será seu guia para analisar o surgimento da desigualdade entre os homens. Sua crítica não recai, então, sobre a razão em si, mas sobre a razão desprovida de sentimento.

Dessa forma, há a idéia de que o homem natural/bom-selvagem teria como guia a emoção, enquanto o “homem moderno” teria a razão-desprovida-de-sentimento como princípio civilizatório, o que faz com que o homem contemporâneo a Rousseau tenha sua *pitié* despedaçada.

Portanto, por um lado, para Rousseau, a condição natural do homem não poderá mais ser reconquistada, e por outro lado, sua condição de homem “civilizado” não deve ser “aceita”, uma vez que degenera o próprio homem.

Talvez, ao ler os textos de Rousseau isoladamente, suas idéias passariam facilmente por pessimistas. Porém, historicizando-o percebe-se que ele na verdade tem um olhar crítico sobre sua própria realidade e tenta fazer um alerta para que se consiga transformá-la a tempo.

Como afirma Salinas Fortes, Rousseau luta contra a idéia de um progresso ilimitado das luzes que levará necessariamente à salvação o gênero humano. Rousseau lança a seus contemporâneos uma advertência para que não se deixassem enganar pelas promessas das

‘Luzes’. Desconfiemos, portanto, da “louca ciência dos homens”. (SALINAS FORTES, 1997: 93)

5. “Ai professor, confundi tudo...”

As for you, my galvanized friend, you want a heart. You don't know how lucky you are not to have one. Hearts will never be practical until they can be made unbreakable. (Wizard of Oz)

No início desta reflexão expliquei as motivações para estudar apenas uma das questões que afligem os professores de História no ensino básico a partir da maneira como se representa nos manuais didáticos a racionalidade no Iluminismo em geral e, especificamente, o modo como o pensamento racional aparece na em Rousseau.

Outra grande motivação para perspectiva adotada nessa reflexão foi o confronto de três experiências pessoais do autor com as ideias e textos desse pensador: primeiro, o estudo sobre o pensador; em segundo lugar, a experiência ao lecionar sobre Rousseau com a tentativa de evidenciar esse diferentes olhares sobre o pensador. Por fim, a leitura de Rousseau com o cuidado de perceber que, para ele, a análise da sociedade não passava apenas pelas “infra e superestruturas”, mas pela observação do próprio homem, cujo “objeto” foi, em primeira instância, ele mesmo.

Em seguida buscou-se evidenciar de que forma o homem natural é usado como modelo para a análise da degeneração do homem provocada pela vida em sociedade e que esse homem natural foi construído a partir de um olhar para o interior da própria subjetividade de Rousseau. A partir disso, para compreender uma das circunstâncias geradoras das desigualdades, discutiu-se as dinâmicas das paixões como impulsionadoras da desigualdade na medida em que o amor-próprio suplanta o amor-de-si. Conjuntamente, evidenciou-se que, para Rousseau, o grande problema na compreensão dessa desigualdade não era a razão em si, mas o fato de ela não ser acompanhada de emoção, problema central no pensamento dos “homens das luzes” para ele.

Rousseau aparece, então, sem dúvida, em destaque como um estímulo à reflexão sobre a realidade, sobre a própria realidade atual inclusive, embora seja inserido em uma história, no

ensino médio, ainda sequencial e muitas vezes voltada para o “mercado” (afinal há que se pensar no que “cai no vestibular”), o que acaba por determinar uma leitura superficial desse autor.

Desconfiemos, pois, do que está escrito nos livros didáticos sobre Rousseau e o próprio Iluminismo (que tratado em conjunto leva a reflexões errôneas ou, no mínimo, parciais sobre seus autores)? Deveria um professor dizer isso a seus alunos?

Espera-se que não. Encarar os “Ai professor, confundi tudo...” faz parte da tentativa de mostrar uma visão da história que não se processa sob a forma simplesmente evolutiva dentro de todo um sistema educacional, que tem como base o desenvolvimento e progresso humanos.

No tocante a esta questão, Rousseau não dá respostas, mas suscita questões que não dizem respeito exclusivamente ao seu tempo. Para além das proposições sobre a essência do ser humano, sobre a qual Rousseau leva a pensar, a leitura de suas reflexões coloca novas questões que dizem respeito da realidade de nosso próprio tempo. Afinal, não se pode descartar um questionamento fundamental a todo educador: “que tipo de cidadão eu quero formar?”.

Rousseau permite, então, também considerar a emoção contida em discursos estritamente “racionalis”, pois, ao contrário do que pensa o Mágico de Oz, o coração não é algo para se ter apenas se for prático e não puder ser despedaçado, mas pode (ou deve?) servir de motor para a própria racionalidade e sentido que se construímos durante a vida.

Bibliografia

- CHAUI, Marilena. 1983. “Vida e Obra”. In ROUSSEAU, Jean Jacques. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Abril.
- SALINAS FORTES, L. R. 1997. Paradoxo do Espetáculo. São Paulo: Discurso Editorial.

Documentação:

- ROUSSEAU, Jean Jacques. 1983 “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”. In ROUSSEAU, Jean Jacques. O contrato social e outros escritos. São Paulo: Cultrix.
- Manuais didáticos: organizados em ordem numérica a partir das citações do texto.

1. KOSHIBA, Luiz. História: origens, estruturas e processos. São Paulo: Atual, 2000.
2. MORAES, José Geraldo Vinci de. História: Geral e do Brasil. São Paulo: Atual, 2003.
3. COTRIM, Gilberto. História Global: Brasil e geral. São Paulo: Saraiva, 2002.
4. CAMPOS, Flávio de. & MIRANDA, Renan Garcia. A escrita da história. São Paulo: Escala Educacional, 2005.
5. CAMPOS, Flávio de. & MIRANDA, Renan Garcia. Oficina da História. São Paulo: Moderna, 2000.
6. FIGUEIRA, Divalte Garcia, História. São Paulo: Ática, 2002.
7. MOTA, Myriam Becho; & BRAICK, Patrícia Ramos. História: das cavernas ao Terceiro Milênio. São Paulo: Moderna, 2002.
8. ARRUDA, José Jobson de A.; & PILETTI, Nelson. Toda a História: História Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2003.
9. PEDRO, Antônio. & LIMA, Lizânias de Souza. História da civilização ocidental. São Paulo: FTD, 2005.
10. AZEVEDO, Gislaíne Campos; & SERIACOPI, Reinaldo. São Paulo: Ática, 2005.
11. VICENTINO, Cláudio. História Geral. São Paulo: Scipione, 2006.
12. VICENTINO, Cláudio; & DORIGO, Gianpaolo. História para o Ensino Médio: História Geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2005.
13. PEDRO, História da Civilização Ocidental. São Paulo: FTD, 1997.
14. COTRIM, Gilberto. História para o ensino médio. São Paulo: Saraiva, 2002.
15. CATELLI JR., Roberto. História: texto e contexto. São Paulo: Scipione, 2006.
16. FERREIRA, João Paulo Mesquita Hidalgo; & FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. Campinas: Companhia da escola, 2005.
17. SALOMÃO, Gilberto Elias. História. São Paulo: Poliedro, 2011.